

ENTREVISTA COM SILVANA

MORADORA E MUTIRANTE DO CONJUNTO SANTA ROSA I

DATA: 17/10/2021

LOCAL: CONJUNTO SANTA ROSA I (APARTAMENTO DA SILVANA)

PARTICIPANTES:

Roberto Eustaáquio

Giselle

Tiago

Josiany

Silvana

TAGS:

Dados Gerais

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de mobilização

Fase de projeto

Fase de obra

Pós-Ocupação

SIGLAS (em ordem de aparição):

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

OPACO - OPACO Engenharia

[Fase de mobilização]

Tiago: Como eu tinha comentado, a gente faz parte de um grupo de pesquisa da UFMG, a gente visita alguns conjuntos e está tentando revisitar essa história da autogestão e queria conversar com moradores e todo mundo que fez parte pra saber um pouco mais desse processo. Então, tem umas perguntinhas pra você e o que você souber responder a gente vai falando. A primeira pergunta é: como que você se envolveu com esse movimento para a organização de luta pela moradia?

Silvana: Pra falar a verdade desde que eu vim para Belo Horizonte que eu fiquei morando no meu emprego. Então a gente fica morando no emprego, a gente agradece muito por eles aceitarem a gente, mas aí foi uma luta muito grande. A primeira vez foi minha irmã que conseguiu o dela, né? Na época foi lá no Barreiro. Aí ela indiciou a gente. Foi minha irmã que mora nesse aqui de baixo. Aí nós começamos a ir nas reuniões, nós ficamos 8 anos na reunião, participando. Aí a Antonia ajudou a gente muito, a dona Zizinha, teve uma outra que faleceu, a Norminha, ajudou muito, sabe? Aí

nisso aí a gente ficou. Aí na época que a gente entrou, foi no Crédito solidário, né? Era PAC e Crédito Solidário, e nós entramos no Crédito Solidário que era mais demorado né? Por causa da renda da gente.

Roberto Eustaáquio: Vocês são originalmente de onde?

Silvana: Eu sou de Pedra Azul. Vim trabalhar aqui e morar. Aí foi assim, nós ficamos 8 anos participando todo mês. A gente tinha reunião uma vez no mês. Um domingo no mês. Primeiro nós começamos aqui no bairro Suzano, depois fomos lá pro Floresta, aí depois começou daqui mesmo quando começou a obra... porque começou primeiro os dois blocos lá, o I e II, né? Aí começamos a fazer a reunião aqui. Aí a gente ficou participando aqui, trabalhando em mutirão, teve mutirão aqui sabe? Aqueles dois blocos lá. Aí no domingo a gente vinha e trabalhava no mutirão... Aí na época da participação aí precisou procurar quatro pessoas que estavam participando pra poder ajudar, né? Na Caixa, pra poder ajudar a assinar os cheques lá para liberação de dinheiro. E uma das participações foi eu e uma outra que mora aqui no primeiro andar, com a dona Zizinha. Toda vez que eles iam liberar o dinheiro a gente tinha que ir lá pra poder assinar esses cheques e deixar lá. Mas foi muita luta né?

Tiago: Você já comentou que morava no Pedra Azul antes, né? E quando você mudou pra BH você morava no seu emprego. E você sabe, sobre as demais famílias, qual era a situação delas antes de mudar pra cá? Você tem alguma noção sobre seus vizinhos?

Silvana: Tem muitos aí que falam que pagavam aluguel. Outros falam que moravam com a família. Eu e minha irmã a gente morava no emprego.

Josiany: Mas isso lá no Pedra Azul?

Silvana: Não, aqui em Belo Horizonte mesmo.

Josiany: Mas lá onde você morava antes, como que era?

Silvana: Lá eu morava com meus pais.

Josiany: E você conhece mais gente que veio de lá pra cá?

Silvana: Que participou? Não. De lá não tem ninguém não. Só eu, minha irmã e minha sobrinha. Minha sobrinha mora no mesmo prédio da minha irmã.

Tiago: E você já comentou que participava dessa assinatura dos cheques lá na Caixa, qual o papel que você desempenhava na produção dos conjuntos? Você participava da coordenação então, né?

Silvana: Isso.

Tiago: E você participa dos mutirões também aos fins de semana?

[Fase de obra]

Silvana: Foi, os dois prédios aí da frente a gente trabalhou lá. Aqui atrás tinha uma piscina que nossa... [inaudível] tirando terra dessa piscina... Trabalhamos demais, graças a Deus, mas foi uma luta vitoriosa.

Roberto Eustaáquio: Você falou "os dois da frente", os de trás foram feitos em outro regime de construção?

Silvana: Foi. Lá foi uma empreiteira que fez, né? E aqui foi uma construtora.

Roberto Eustaáquio: Tá, mas aqui não teve participação dos mutirantes? Ou teve também?

Silvana: Teve. Antes de começar a gente teve porque de lá a gente já passou pra cá pra ajudar a fazer a limpeza do lote, sabe? A piscina era aqui atrás. Então a gente ajudou muito aqui também. Porque normalmente a empreiteira ia fazer também, aí depois deu problema lá e aí foi e eles passaram pra construtora. A construtora OPACO, você já ouviu falar? Foi a **OPACO** que fez aqui.

Giselle: Eu queria entender melhor desses trabalhos dos mutirões, o que que acontecia. O que essas pessoas, das famílias, se envolviam nas atividades. O que elas faziam efetivamente. Porque eu sei que no Santa Rosa II as famílias ficavam mais envolvidas com a limpeza do terreno, com separação de materiais. Eu queria saber se a Silvana sabe nos explicar como era esse trabalho durante o final de semana. Se, de fato, construiu o edifício ou se era mais esse serviço de organização da obra.

Silvana: Era também organização da obra, a gente organizava, fazia a limpeza do terreno também. Ajudava a descer com o entulho, tudo isso a gente fazia.

Giselle: Mas vocês chegavam a construir? Por exemplo, subir alvenaria?

Silvana: Não, isso aí não, mão na colher a gente não pôs não.

Tiago: E para desempenhar esse papel de coordenação dessa liberação dos cheques, vocês receberam algum tipo de capacitação, de treinamento, Silvana?

Silvana: Não. A dona Zizinha na confiança dela, ela me chamou e chamou essa outra moça pra ajudar. A gente foi lá na Caixa, conversou lá com o gerente, e a gente ficou até o final da obra.

Roberto Eustaáquio: Como representante dos moradores...

Silvana: Isso.

Tiago: Como que aconteceu essa divisão das famílias no núcleo de moradia para compor a associação dos moradores? Você comentou que você passou por alguns núcleos, né? Você lembra como foi essa divisão, essa separação das moradias para atuar nesse conjuntos especificamente?

Silvana: A gente ia nas reuniões, cada vez eles colocavam a gente num lugar. Ia repassando, primeiro começou a coordenadora nossa foi a, a primeira que eu tive chamava Benedita. Aí começou lá. Depois ela me mandou lá pra Floresta, pra entrar no grupo que a Norminha tava fazendo as reuniões. De lá eu já fiquei direto.

Tiago: Você sabe se as famílias que foram destinadas para participar aqui desse conjunto, que vinham nos mutirões nos fins de semanas, se elas foram substituídas ao longo desse processo?

Silvana: Você fala vindo de outro lugar?

Roberto Eustaáquio: Teve troca? Teve gente que saiu, entrou, como que foi essa história?

Silvana: Teve. Veio muita gente de outros núcleos, participaram e tá aí morando.

Tiago: E elas entraram no meio desse processo?

Silvana: No meio do processo.

Tiago: Quantos anos se passaram desde o início até a moradia ficar pronta?

Silvana: oito anos. Agora tá com nove anos que a gente pegou a chave. 17 anos já.

Tiago: Como que ocorreu esse processo de conquista do terreno? Você sabe como ele foi negociado, se esse terreno era público, se era particular? E se na época de escolha desse terreno você sabe se tinha outros terrenos disponíveis?

Silvana: Na época estava disponível assim, com a Caixa e a prefeitura (?) comprou na época. Pra falar a verdade com você, na época, eles me colocaram pra participar eles falaram que era pra mim morar lá no Granja de Freitas. Aí foi a Norminha que me jogou pra cá. Num dia ela pegou e me ligou e falou comigo que tinha uma vaga aqui disponível, pra mim poder vir na reunião, trazer meus papéis e documentação toda pra ela me colocar aqui, entendeu?

Josiany: Mas então quando você veio pra cá já tava no meio também de um processo de negociação?

Roberto Eustaáquio: O grupo já tava formado quando você chegou?

Silvana: Já tava formado.

Josiany: E aí meio que apareceu essa vaga e ela entrou em contato?

Silvana: Ela me encaixou aqui, sabe? Porque na época tinha muita construção. Tava aqui, o Granja lá já tava pronto. Mudou muita família pra lá.

Josiany: Então, você chegou já tinha um processo andando...

Silvana: Assim que a gente veio participar eles já estavam começando a construir o I e o II. Quer dizer, o I e o II não, o II né? Embaixo, que é o que minha irmã mora. A minha irmã mudou bem primeiro do que eu. Se vocês quiserem ir lá conhecer o apartamento da minha irmã eu levo vocês lá.

Tiago: Então você entrou mais nessa parte da construção, né? Você não chegou a participar em nenhuma parte do projeto, né? De concepção.

[Fase de projeto]

Silvana: Não, projeto não.

Josiany: Então na época que escolheram os terrenos, esse terreno você não chegou a participar?

Silvana: Na escolha do terreno não. Só sei que a (?) chegou pra gente e falou assim: tem um terreno lá no São Francisco, então vai sair lá, vocês vão sair lá. Eles já indicam assim, já com os terrenos, quando eles já tem certeza que o terreno já tá comprado.

Josiany: Então você não saberia dizer como que foi, se os moradores opinaram na hora de escolher o terreno?

Silvana: Não. Quando é assim eles já indicam as pessoas. Eles já falam: Silvana vai sair pra você lá no Granja, você quer ir morar lá? Aí vai de mim se eu quero ou não, né? Como tá precisando podia sair lá em Contagem que eu queria. Então tem muita gente assim, sabe? As vezes tem pessoa que não quer pra aquele lugar, aí continua indo na reunião pra esperar sair um lugar mais ou menos que eles querem.

Tiago: Você disse que morava no seu trabalho antes, onde era o bairro?

Silvana: Quando eu comecei a ir na reunião mesmo eu trabalhava ali no Bairro Anchieta, Avenida Bandeirantes. Depois eu saí de lá, morei um tempo num moço ali no Lourdes e de lá ele mudou aqui pertinho no Bairro São Luis. Aí trabalhei com ele 14 anos e meio. Tem um ano que eu saí de lá. Um não, fez dois, que eu to trabalhando agora lá na Álvares Cabral.

Tiago: E do São Luis você veio pra cá né?

Silvana: Não, eu ainda morava lá no Lourdes quando eu peguei minha chave.

Josiany: Aí nisso você pegou a chave, veio morar aqui e continuou trabalhando lá? Aí você ia de ônibus pra lá?

Silvana: De ônibus. Trabalhava durante o dia, à tarde eu vinha pra casa. Uma glória. A gente tem que agradecer né? Por eles dar essa oportunidade de a gente ficar morando lá até a gente conseguir conquistar a casa da gente. Não é todo mundo que faz isso não.

Tiago: Você sabe me dizer qual que era a assessoria técnica que trabalhava com vocês, se tinha uma assessoria acompanhando esse processo de obras? Você sabe quem era?

[Fase de obra]

Silvana: Tinha. Era a Michele.

Tiago: Mas ela era assessoria de que?

Roberto Eustaáquio: Que que ela fazia?

Josiany: Se ela era engenheira...?

Silvana: Não, o engenheiro aqui era o Dirceu. A Michele ficava mais para dar as reuniões, ela fazia muitas reuniões com a gente. Explicava direitinho pra gente...

Roberto Eustaáquio: Essas reuniões em geral vocês conversavam sobre o que?

Silvana: Falando com a gente como eram as condições de morar em condomínio.

Roberto Eustaáquio: Tipo uma preparação pra morar aqui?

Silvana: Eles falavam pra gente assim: quando ia sair os apartamentos, eles ficavam por dentro, mais ou menos em que tempo eles iam entregar a chave. Fazia as reuniões com a gente e falava: vai começar a obra e tal, vamos fazer de tudo pra ver se entrega. Então era isso que eles ficavam passando para gente.

Josiany: Era como uma assistente social, uma coisa assim?

Silvana: É, mais ou menos isso, né? Eu sei que tinha muita gente. Na época foi o Dirceu o engenheiro, tinha um outro, esqueci o nome dele, tinha um cabelão. Ele sempre tava acompanhando a obra.

Tiago: Esse Dirceu era da OPACO?

Silvana: Não. O Dirceu era da prefeitura.

Josiany: Mas ele não tinha contato direto com vocês moradores?

Silvana: Tinha, o Dirceu sempre tava aqui. Mesmo depois que a gente mudou ele vinha aqui. Porque, quando a gente mudou, apareceu muito pepino, tinha vazamento demais aqui.

Roberto Eustaáquio: Como? De goteira de luz? Ou no encanamento?

Silvana: Não, no encanamento mesmo, sabe? Aí ele veio aqui olhar. Ele acompanhou a gente aqui um bom tempo.

Josiany: Isso ia ser uma pergunta nossa, se teve algum acompanhamento depois que vocês se mudaram.

[Fase pós-ocupação]

Silvana: Teve.

Josiany: Além desse acompanhamento do Dirceu teve mais algum? Alguma outra pessoa que vinha aqui?

Silvana: Não, quem vinha mais aqui era o Dirceu, a Antônia também, quando a gente precisava dela ela vinha. A Antonia toda época de política ela vem aqui, sabe? E tem que vir mesmo né? Eu acho que tem que ser... Igual, tem morador aqui que às vezes nem abre a porta, né? E ela fala: gente, a política é assim, a gente faz as coisas, a gente vota, pra poder continuar. Eu acho que é certo, igual eu consegui o meu eu acho que tem muita gente que precisa de uma pessoa boa lá pra poder ajudar, né? Eu sempre ajudo ela. Mas tem morador que nem abre porta.

Roberto Eustaáquio: Mas mesmo gente que participou do mutirão?

Silvana: É mesmo gente que participou do mutirão, que pegou chave.

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Josiany: A gente tá muito interessado em saber isso também, como é isso hoje em dia. Se continuou essa união, essa disposição...

Silvana: Por isso que ela me pediu pra receber vocês, por causa disso. Eu gosto muito de ajudar. Meu marido fala: nossa você quer bancar o mundo. Mas eu faço o que eu posso, o que eu posso ajudar não me custa nada.

Roberto Eustaáquio: E hoje ainda, aqui no condomínio, como que é a questão do condomínio. Como que vocês administram e tudo mais? Mesmo espírito lá do mutirão, das reuniões, ele continuou depois que vocês mudaram? Essas reuniões, essas conversas para decidir as coisas.

Silvana: Depois que a gente pegou as chaves, elas vieram aqui, elas sempre faziam isso. Depois quando a gente acostudou elas pararam.

Josiany: Elas você tá falando de quem?

Silvana: A Antonia, a Michele, sempre vinha. Agora que elas pararam. Acho que elas acompanharam a gente mais ou menos um ano, um ano e meio. Agora não, agora a gente mesmo já faz as reuniões nossas.

Roberto Eustaáquio: E vocês acham que o fato de ter essa experiência anterior ajudou nessa organização de agora? Fala um pouco disso pra nós.

Silvana: Ajudou muito. Pra mim, eu acho que ajudou muito porque hoje em dia, eu acho que os morador sabe disso, entendeu? A informação que elas passaram pra gente, foi muito bom.

Roberto Eustaáquio: E hoje vocês reúnem regularmente hoje? Como que é essa atividade em conjunto do condomínio?

Silvana: Hoje em dia quando a síndica vai fazer alguma coisa no condomínio, aí ela marca reunião com nós, todos os moradores. Aí a gente vai, decide.

Roberto Eustaáquio: Cada prédio tem um síndico? Como que é essa organização?

Silvana: Tem um síndico geral. E cada prédio tem um síndico.

Roberto Eustaáquio: Aí vocês se reúnem e conversam até resolver?

Silvana: É. Aí reúne, conversa. Comparação: o telhado tá precisando mexer, né? Aí vem, faz um orçamento do detalhado, aí passa pra nós. Aí os morador participa da reunião, vota, aí eles vão e pedem pra fazer.

Roberto Eustaáquio: Mas em geral essas conversas de vocês gira em torno da manutenção do prédio, da limpeza? E outras coisas? Vocês têm outras atividades em comum que não só cuidar do espaço do prédio? Festa?

Silvana: Não. Antes a gente fazia. Época do dia das crianças a gente fazia uma coisinha lá embaixo com os meninos. Esse ano a gente não fez por causa da pandemia. Às vezes, dia das mães, já aconteceu de fazer um café lá embaixo pras mães. Mas não é sempre não. Mas a gente tem muita vontade, sim.

Roberto Eustaáquio: Em geral a iniciativa de fazer isso parte do síndico ou parte da vontade dos moradores?

Silvana: Todos. Do síndico e de todos os moradores.

Roberto Eustaáquio: Conversa e fala:vamos fazer e faz?

Silvana: É. É muito bom.

Josiany: Até a pandemia começar, então, vocês ainda estavam fazendo?

Silvana: Tava.

Tiago: E as áreas comuns do prédio? Você acha que todo mundo participa pra cuidar dessas áreas comuns?

Silvana: Falar a verdade com vocês. A síndica do meu prédio que marca a reunião. Aí não é todo mundo que vai. A síndica geral, marca de novo, também a reunião lá embaixo. Não é todo mundo que desce. Vou falar a verdade com vocês.

Josiany: Mas vai a maioria?

Silvana: Vai a maioria. Mas aí o que tiver pra fazer, a maioria tiver lá, elas faz.

Josiany: Tem algum conflito nas reuniões:

Silvana: Não. Graças a Deus as reuniões aqui é muito tranquilo.

Josiany: Se você tivesse participado de projetos antes da obra a gente ia te perguntar umas coisas, mas parece que você não participou dessa etapa, né?

Roberto Eustaáquio: Quando você chegou já tava decidido o formato do prédio, número de quartos, essas coisas já estavam tudo definido:

[Fase de projeto]

Silvana: Não estavam não. A gente conheceu esse terreno aqui sujo ainda.

Roberto Eustaáquio: Mas você sabe contar pra nós como foi que decidiu fazer desse jeito? O tamanho do apartamento, a distribuição, a planta, o projeto de uma maneira geral, você sabe como foi feito?

Tiago: Eles chegaram com o projeto, mostraram pra vocês, alguma coisa desse tipo?

Silvana: Pra falar a verdade eles mostraram mas esses negócios eu não entendo muita coisa.

Roberto Eustaáquio: Mas conta pra gente o que você lembra disso, não precisa...

Silvana: Eles mostraram a planta...

Roberto Eustaáquio: Mas teve reunião pra isso?

Silvana: Teve.

Roberto Eustaáquio: Conta um pouco disso pra nós, o que você lembrar, não fica preocupada não.

Silvana: Eles trouxeram a planta, mostrou direitinho pra nós, que ia começar a levantar os prédio.

Roberto Eustaáquio: Mudou alguma coisa nessa planta a partir dessa conversa? Teve coisa que vocês pediram pra mudar? Teve coisa que mudou durante a obra?

Silvana: Não, porque na verdade a gente não decide nada, entendeu? A Caixa e a prefeitura tem o projeto e nós não podemos fazer nada, entendeu? A planta já vem no jeito de eles fazerem.

Roberto Eustaáquio: Vocês só conheceram a planta.

Silvana: Só conheceu. Tanto que assim, na época que eles estavam construindo eu ainda falei: porque que que essa janela da cozinha aqui não pode ser na área, porque a área é tão pequenininha né? Aí o engenheiro falou assim: não pode, por causa do projeto, o projeto é assim e a gente não pode mudar.

Roberto Eustaáquio: Você queria mais uma janela lá na área?

Silvana: É. Uma janelinha na área né?

Josiany: Isso no processo de construção que você enxergou isso e falou?

Silvana: Isso.

Josiany: Mas você acha que se você tivesse falado isso antes do momento da construção teria alguma chance?

Silvana: Não tem porque eles falaram que não pode mudar o projeto, né?

Josiany: Então quando eles apresentaram já foi falando assim, né? Esse é o projeto só pra vocês verem.

Silvana: Já prontinho já. A Caixa e a Prefeitura que decide.

Josiany: Mas aí como foi essa reunião pra mostrar o projeto, eles explicaram direitinho? Vocês conseguiram entender com o que ia ser?

Silvana: Sim, a gente entendeu. Eles chamaram nós aqui, marcou a reunião para mostrar. Aí mostrou direitinho.

Roberto Eustaáquio: Os arquitetos e os engenheiros que desenharam vieram nessa reunião, você lembra?

Silvana: Desenharam eu não sei. Mas o engenheiro que tava aí... Tava! Que o bloco I e II foi o Armando mesmo que desenhou e mostrou pra gente. E esse aqui foi o pessoal da OPACO que já trouxe o projeto e mostrou.

Roberto Eustaáquio: O Armando também era da prefeitura?

Silvana: Não, o Armando não é da prefeitura não. Ele trabalha com esses negócios. Ele pegou a obra pra fazer. Para construir aqueles dois blocos.

Josiany: Você fala os dois blocos aqui do Santa Rosa I mesmo?

Silvana: Isso. O I e o II, III e IV foi a construtora OPACO que pegou.

Tiago: Como que a obra era organizada? Tinha diferença dessas duas etapas, desse bloco I e II que era empreiteira? E aqui quando era uma construtora? Tinha alguma diferença para vocês na participação dos mutirões?

[Fase de obra]

Silvana: A diferença foi que na hora que OPACO veio fazer a gente parou com os mutirões, aí a gente já não entrou mais pra ajudar.

Roberto Eustaáquio: Mas vocês vinham visitar? Quando tava fazendo.

Silvana: Quando tava fazendo a obra a gente sempre vinha no domingo.

Roberto Eustaáquio: Mesmo que não tivesse mutirão vocês vinham ver a obra?

Silvana: É.

Tiago: E nessa etapa o que mais vocês faziam nessas reuniões nos domingos?

Silvana: Às vezes, chegava no Natal a gente vinha final de semana fazer confraternização. Era muito bom.

Josiany: Mas aí vocês pararam de...

Silvana: De ajudar. De trabalhar na obra.

Roberto Eustaáquio: E na hora que passou pra OPACO essa coisa dos financiamentos, dos cheques, essas coisas parou também?

Silvana: Não, a gente continuou até o último dia, até odia que eles entregaram.

Roberto Eustaáquio: E aí esse dinheiro ia para construtora?

Silvana: Para construtora.

Josiany: Mas aí na época que vocês ainda estavam vindo na obra ajudar, como que era a divisão de tarefas, como que vocês organizaram? E o que vocês faziam efetivamente? Você pegava qual serviço? Quem mandava: "você vai fazer isso, você vai fazer aquilo...?"

Silvana: Isso aí, a gente mesmo. A gente chegava, eles já deixavam aí capacete e tudo pra gente usava. Aí a gente colocava. A gente descia com o entulho, vinha uma turma e ajudava a por o entulho pra fora, a outra turma já ia e ficava juntando, entendeu? Era assim.

Josiany: Era sábado e domingo?

Silvana: Não, era só domingo.

Roberto Eustaáquio: As crianças vinham? Tinha uma creche, uma coisa desse tipo?

Silvana: Não. Às vezes, os pais traziam porque não tinha com quem deixar, mas não tinha.

Roberto Eustaáquio: Mas aqui tinha alguém que juntava os meninos todos e tomava conta? Como que vocês organizaram isso?

Silvana: Não. Cada mãe cuidava do seu. Tinha não. Aí a gente deixava uma turminha pra organizar o lanche.

Tiago: Tinha alguma separação de divisão de tarefas para as mulheres, para os idosos?

Silvana: Normalmente, a gente deixava os idosos lá na cozinha, resolver o lanche.

Josiany: Divisão de tarefa entre homem e mulher, tinha?

Silvana: Tinha nada. Trabalhava normal, e vinha mais mulher do que homem. Tinha vez que vinha só nós, se aparecesse dois homens aí era muito.

Roberto Eustaáquio: Então quem tocou o bonde aqui mesmo foi as mulheres?

Silvana: Mulher.

Josiany: Isso é uma coisa interessante, a gente conversou com outras pessoas que falaram a mesma coisa. Que sempre aparece mais as mulheres. Por que você acha que isso acontecia?

Silvana: Eu acho que por ser domingo o homem gosta de futebol, jogar bola... às vezes alguns trabalham a noite, chega domingo quer descansar. Eu acredito assim. Não sei... Mas foi muito bom, sabe? Uma conquista muito boa.

Tiago: Quem vinha participar da obra? Era só quem era representante da família mesmo? Vinham outras pessoas da família?

Silvana: Normalmente, às vezes domingo assim a Michele vinha né? Era assim, ela vinha de manhã, ajudava a reunião, fazia a reunião com nós. Aí depois da reunião a gente ficava pra essas coisas que eu to falando.

Josiany: Então meio que ocupava a manhã com essa reunião e aí vocês almoçavam e aí depois...

Silvana: Não, a gente fazia um lanche e a gente ia almoçar em casa. A gente não ficava aqui o dia todo não. Normalmente chegava às 8 horas e ficava até meio dia, meio dia e pouquinho...

Josiany: E essa participação vocês faziam algum controle? Por exemplo, anotava quem veio e isso contava pra alguma coisa lá na frente?

Silvana: Tinha ata pra gente assinar.

Roberto Eustaáquio: Pra ficar com a vaga garantida tinha que frequentar essa reunião?

Silvana: Tinha. Tinha que frequentar. É tanto que quem tinha mais frequência podia escolher o apartamento que queria né? Quem não vinha, não tinha muita frequência, aí pegava o que sobrava.

Josiany: Ou seja, quanto mais participasse acaba que tinha alguma vantagem?

Silvana: É. Essa vantagem que você podia escolher o que você queria.

Josiany: E aí isso aconteceu mesmo?

Silvana: Aconteceu.

Josiany: E deu algum conflito na hora de escolher os apartamentos?

Silvana: Não. Graças a Deus não teve não, foi tranquilo. Só esse Santa Rosa I aqui foi entregue muito rápido, foi tempo de eleição, sabe?

Roberto Eustaáquio: A divisão dos prédios, eles são todos iguais?

[Habitação]

Silvana: O bloco III e IV são, o I e II não, eles são diferentes.

Roberto Eustaáquio: Mas tem o mesmo número de quartos, área...?

Silvana: Quartos são, cada apartamento tem dois quartos. E aqui são 4 apartamentos por andar, o III e o IV. O I e o II são dois apartamentos por andar.

[Fase de obra]

Josiany: Vocês tiveram alguma capacitação para trabalhar aqui na obra? Antes de começar mesmo, vocês tiveram algum curso, alguma coisa?

Silvana: Não, tivemos não.

Josiany: Era mais na reunião que tinha alguma preparação?

Silvana: Na reunião que eles falavam que a gente tinha que ajudar e tal.

Josiany: Mas alguma aula ou alguma coisa básica que fosse, pra explicar como que era o serviço, alguma coisa assim, vocês tiveram?

Silvana: O Dirceu explicou pra gente, sabe? A Michele também explicou. Mas a gente trabalhou pouco, sabe? Pegava as coisas mais que a gente entendia que dava mesmo.

Tiago: Você dá notícia de algum mutirante, alguma pessoa que trabalhava com vocês aqui nos domingos que foi contratada, seja pela empreiteira lá no bloco I e II, seja pela construtora para trabalhar durante a semana também ou não aconteceu isso?

Silvana: Não, para trabalhar durante a semana não. Era só fim de semana mesmo.

Josiany: Ou seja, não aconteceu de nenhum mutirante ser contratado para trabalhar na obra que você saiba?

Silvana: Não. Que eu saiba não.

Tiago: Você participou dessa parte dos repasses e assinaturas dos cheques, acho que essa parte aqui você vai saber bastante. Sabe me dizer quais eram os critérios, as exigências para que a Caixa repassasse essas verbas pro conjunto? Eles tinham alguma exigência? Exigiam que ocorresse alguma coisa específica para garantir que esse repasse continuasse vindo?

Roberto Eustaáquio: Teve alguma vez que eles barraram esse pagamento?

Silvana: Não. A dona Zizinha... Eu trabalhava e deixava alerta com meu padrão, falando assim: qualquer hora eles me ligam pra ir na Caixa. E era verdade. Tinha hora que eu tava colocando o almoço na mesa pra eles e era me ligava e falava: nós temos que encontrar na Caixa 13h. Aí eu tinha que largar tudo, pegava o ônibus e vinha. Aí era assim, eles já sabiam, eu falava com eles.

Roberto Eustaáquio: Na Caixa, eles faziam alguma medida? Como que era pra fazer a liberação do dinheiro? Você falou que todo mês né?

Silvana: Era todo mês. Não, a gente chegava lá e procurava o gerente, nessa época eu lembro que era Luís Cláudio e Luís Antônio, na Caixa aqui da Antônio Carlos. Aí ia lá e pegava os cheque e assinava e falava... O nome dela é Stezia, só que ela tem o apelido de Zizinha. Eles falavam: Dona

Stezia a gente tá liberando 70 mil, 100 e poucos mil tal dia, aí a senhora já deixa assinado aqui que aí chegar no dia a gente já entra com o cheque. Aí a gente assinava...

Roberto Eustaáquio: Mas vocês não tinham que apresentar nada pra comprovar nada do que tinha feito?

Tiago: Vinha alguém da Caixa visitar a obra pra ver o que que estava sendo feito?

Silvana: Não, eles vinham...

Roberto Eustaáquio: Tinha fiscalização da Caixa?

Silvana: Tinha. A fiscalização da Caixa vinha, eles vinham sim.

Josiany: Mas aí quando vocês iam lá pra essa reunião lá vocês não precisavam levar nada?

Silvana: Pra eles assinarem?

Josiany: Ah apresentar alguma documentação....

Silvana: A Dona Zizinha sempre levava, ela tinha um documento que ela levava, sabe?

Tiago: Uma prestação de contas, algo do tipo?

Silvana: Isso. Ela tem esse documento guardado, tenho certeza.

Josiany: Mas foi tranquilo? Como que era essa relação com a Caixa mesmo?

Silvana: Com a Caixa foi tranquilo.

Roberto Eustaáquio: A Dona Zizinha hoje ela mora em algum dos conjuntos?

Silvana: Não, ela mora aqui no Bairro Santa Cruz. Mas ela ajudou demais.

Roberto Eustaáquio: Mas ela ainda faz a liderança, trabalha com isso?

Silvana: Não, ela parou, os filhos dela... Ela tem mais de 80, acho que tem quase 90 anos. Os filhos dela não deixou mais não. O último que ela fez foi esse aqui. Mas deu assistência demais, viu? Pessoa muito boa.

Josiany: Ela não chegou a morar aqui não né?

Silvana: Não. Ela participou só pra ajudar. Ela fazia parte da União, já ouviu falar da União? Pois é, ela era de lá. Eu lembro que ela falava: a união faz a força. E é mesmo, né? A união faz a força então vamos lá.

Josiany: Você falou que não chegou a ter atraso nem nada, do repasse dos recursos.

Silvana: Não, dos recursos não teve atraso não. Atraso mesmo deles entregar aqui é porque as construtoras que agarraram. Mas toda vez que marcava com a Caixa, que eles falavam que ia repassar.

Roberto Eustaáquio: Mas teve algum período que a obra parou?

Silvana: Teve um período de chuva. Eles pararam um pouco.

Roberto Eustaáquio: Mas não por causa que não tinha recurso.

Silvana: Não. Por causa que não tinha recurso não. A prefeitura que sempre agarrava um pouquinho. A Caixa não.

Roberto Eustaáquio: Como assim?

Silvana: Tinha muita coisa, tinha hora que agarrava lá e eles tinham que ir lá. A Dona Zizinha ia atras deles lá, mais a Antonia.

Tiago: Em questão de recurso?

Silvana: Questão de recurso. Agora com a Caixa não, quando a prefeitura liberava lá, a Caixa liberava.

Tiago: E como era essa relação com a prefeitura? Porque que aconteciam esses atrasos, como que era a relação geral de vocês com a prefeitura?

Silvana: Eles sempre inventam uma desculpa, né? Fala com nós: "prefeito falou que tal dia vai liberar e aí vai entrar em contato com nós". Aí passava outro dia e eles marcavam, aí marcava com nós e a gente vinha, no próximo final de semana eles falavam: já foi liberado lá. É assim...

Tiago: Então era preciso primeiro a prefeitura liberar isso pra Caixa liberar o recurso em seguida?

Silvana: Passava por lá pra depois chegar na Caixa. Se a Caixa liberar e eles não, não tinha nada né? Resolvia não.

Josiany: A relação de vocês com essa assessoria técnica, você falou que tinha o Dirceu, tinha a Michele... Como era a relação?

Silvana: Deles?

Josiany: De vocês, moradores e mutirantes, com eles. Como era a convivência mesmo.

Silvana: Era tranquilo. Eles passavam direitinho pra gente.

Roberto Eustaáquio: Vocês confiavam neles?

Silvana: Confiava, né? A gente confiava, passava direitinho, sabe?

Tiago: Nunca chegou a ter nenhum conflito, nada do tipo?

Silvana: Não. Graças a Deus, não.

Josiany: E com a coordenação da Associação de Moradia?

Silvana: Graças a Deus, foi muito tranquilo também. Eles passavam direitinho pra gente. A gente tem que se apegar com Deus e ir confiando. Então tá, vamos esperar até o dia que Deus quiser. Porque se a gente for entrar em conflito também é pior pra gente né? Tem que esperar a vontade de Deus, né? Dona Zizinha sempre falava, lia a bíblia e falava: vamos confiar em Deus que é ele que está aqui em primeiro lugar. E realmente foi mesmo.

Josiany: Você consegue lembrar de algum momento marcante?

Silvana: O momento marcante foi quando eu estava trabalhando e eles me ligaram pra entregar a chave. Foi marcante demais.

Giselle: Tem uma coisa que eu queria saber dela é quando que o mutirão foi interrompido

Silvana: O mutirão foi interrompido quando a construtora pegou a obra pra fazer, aí a gente parou.

Josiany: Mas aí já estavam prontos os outros blocos?

Silvana: O I e o II sim. Quando a construtora OPACO pegou esses dois aqui, aqueles lá já estavam prontos.

Roberto Eustaáquio: Estavam prontos mas já estavam ocupados?

Silvana: Não.

Roberto Eustaáquio: A ocupação foi feita ao mesmo tempo por todo mundo ou aqueles blocos foram ocupados antes?

Silvana: Entregaram a chave quase tudo numa época só. Mas aí teve aqueles moradores que mudaram logo, teve outros que esperaram arrumar o apartamento. Porque você sabe como que entrega né? Não entregam assim...

Roberto Eustaáquio: No osso.

Silvana: É. Eles entregam só naquele piso grosso e aí a gente que faz a reforma.

Roberto Eustaáquio: E vocês fizeram a reforma antes de mudar?

Silvana: Eu coloquei piso. Coloquei cerâmica antes de mudar. **[Fase de pós-ocupação]** Esse piso aqui foi trocado ano passado. Tinha outra coisa também que o Dirceu falou com a gente, que a gente não podia mexer na área externa, né? Mudar parede... Igual aquela paredinha ali da minha área muita gente trocou, mudou. Eu não quis mexer, porque quando a gente mudou o engenheiro falou, olha: essa área aqui vocês não podem mexer, é regra do condomínio.

Tiago: Essa parede entre a cozinha e a área de serviço?

Silvana: É. Mas muita gente tirou né? Mas eles falaram que não pode mexer. Então eu obedeco porque eu acho que as coisas tem que ser corretas.

Tiago: Então as únicas mudanças que você fez aqui no apartamento foi essa coisa de revestimento? Não teve nenhuma outra mudança?

Silvana: Não. Trocar piso e pintar.

Josiany: Mas você sabe de outras mudanças que o pessoal costuma fazer? Igual isso que você falou que tem gente que tirou a parede... aí tirou toda?

Silvana: Tirou. Teve uns que tirou, teve uns que deixou metade, outros colocaram espelho, outros colocaram aquele tijolo de vidro.

Josiany: Tem mais alguma outra mudança que o pessoal costuma fazer?

Silvana: Não... Que fizeram não. Que eu to sabendo não.

Roberto Eustaáquio: Então as mudanças em geral foi: escolher um piso do gosto deles e no máximo mexer um pouco na cozinha e na área?

Silvana: Mas assim, sem tirar, igual essa paredinha...

Roberto Eustaáquio: Mantendo as coisas no lugar!

Silvana: Isso. Manter o que eles deixaram. Trocar janela não pode, as portas pra trocar tem que ser todo mundo junto. Também não tem jeito de eu por uma porta verde e a minha vizinha uma porta rosa, né?

Tiago: E você tinha comentado que uma coisa que você tinha vontade de mudar, se pudesse, era por uma janela ali na área de serviço, né? Tem outras coisas que se você pudesse, se tivesse discutido isso no projeto, você mudaria?

Silvana: Eu mudaria. Eu queria minha sala maior se fosse possível. Quarto é pequeno... Mas aqui é só eu e meu esposo, tá bom. Tem gente aí que tá querendo mudar porque já tem filha mocinha e rapaz.

Roberto Eustaáquio: Em geral, o povo que mudou nessa época ainda tá por aqui? Teve muita gente que saiu? Como que foi em relação ao grupo?

Silvana: Primeiro andar tem uma senhora que faleceu, mas a filha dela mora no apartamento.

Roberto Eustaáquio: Tá, continua na família.

Silvana: Isso. Tem dois apartamentos aqui em cima que um a dona pegou mas ela nunca morou, quem mora é o irmão. Tem outro aqui que a dona também pegou e nunca morou, aluga. Eu acho um absurdo, tanta gente que precisa, né? Agora pega os apartamentos e fica alugando...

Josiany: Isso que você tá falando é só do seu bloco aqui, esses dois casos?

Silvana: É.

Roberto Eustaáquio: Mas de um modo geral as pessoas que mudaram nessa época ainda estão aqui? Grande parte pode falar?

Silvana: Estão. Esse rapaz que desceu agora, que me deu bom dia, o apartamento é da sogra dele, mas aí a filha casou e ela botou a filha pra morar. Isso aí não tem problema porque eles foram e explicaram isso, mas na explicação eles sempre falavam que não podia alugar. E tem um aqui embaixo também que tá fechado, o dono vem aí põe umas coisinhas aí, de vez em quando vem e dorme aí e sai cedo e vai embora... Tudo fechado.

Roberto Eustaáquio: Mas isso em relação ao todo é pouco, são poucos casos?

Silvana: São poucos casos, o resto os mesmos estão aí até o hoje.

Josiany: Mesmo que são poucos casos, existem, né? E você acha que porque que esse pessoal acabou não vindo morar aqui?

Silvana: Eu acho que é porque tem casa própria né? Deve ter casa grande em algum outro lugar e não mora porque não quer morar num apartamento desse. Eu acredito que é isso. Não precisa, porque se precisasse tava, né?

Tiago: E o condomínio lida com esses casos de alguma forma? Os casos de aluguel, por exemplo, tem alguma discussão geral sobre essas coisas?

Silvana: O assunto não aparece não.

Josiany: E depois que vocês receberam as chaves vocês continuaram ativos em movimentos sociais, alguma coisa? Sabe de algum caso de alguém que continuou?

Silvana: Que eu saiba não. Assim, eu fiquei assim... Antes da pandemia eu tava até ajudando um pessoal lá... A Antonia que tava tendo reunião do pessoal.

Roberto Eustaáquio: Formando outros grupos?

Silvana: Outros grupos. A gente estava fazendo no Bairro Santa Cruz. Não sei se vocês conhecem a Igreja Pio X. A gente fazia lá. Depois o padre não quis ceder mais o espaço aí eu até arrumei um galpão que tem aqui em cima que era uma igreja e depois o padre fechou. Aí o galpão estava fechado e eu conversei com a mulher lá, Dona Mara, pra usar pra essas reuniões. A gente começou, mas depois não tava querendo vir de jeito nenhum.

Roberto Eustaáquio: Mas por conta da pandemia?

Silvana: Não, não é por causa da pandemia não, é porque achavam que tava longe. Aí vinha pouquinho gente. Aí a gente fez aí acho que uns quatro meses, aí começou a pandemia e a gente teve que parar.

Roberto Eustaáquio: Entendi, não rendeu por conta disso.

Silvana: É.

Roberto Eustaáquio: Eu acho que no início deve ter uma dificuldade mesmo de as pessoas aderirem, depois é que o grupo firma né?

Silvana: É. Tanto que eu tenho toda a lista do pessoal ainda. Eu falei com a Antonia que depois que essa pandemia passar a gente vai ter que sentar e estudar direitinho pra ver um lugar pra começar de novo, né?

Roberto Eustaáquio: Tá, vocês não desistiram então?

Silvana: Não, não pode não. Quero desistir não, quero continuar ajudando, porque é muita gente que precisa da moradia.

Josiany: A gente fica muito curioso com essa coisa de vocês continuarem participando em alguma coisa e se vocês tiveram alguma formação política nesse sentido, em algum momento antes de começar, no meio do processo, se você quiser falar mais um pouco disso.

Silvana: Ajuda de político nessa época que a gente tava com esse pessoal aí a gente não teve não. Tanto que a Antonia pedia pro pessoal pra apegar com Deus, porque com esse governo que tá aí vamos ver o que fazer porque depois que ele entrou a gente nem tá ouvindo falar mais desses... né?

Roberto Eustaáquio: Vai passar. Mas o que te leva a participar disso é porque você viu que deu certo e...

Silvana: Isso. Como eu fico muito feliz de ter minha casinha, eu acho que as pessoas também têm que ter a dela. Me dá uma dó quando eu vejo esse povo morar na rua.

Roberto Eustaáquio: E aumentou demais da conta né? Tenho visto gente morando debaixo de marquise, família inteira morando, que tinha sumido, tinha anos que eu não via isso.

Silvana: É muita gente. Meu coração corta quando eu vejo, sabe? Criança... Eu acho que tem que ter moradia. Eu até participei de uma reunião também na... Vocês ficaram sabendo daquele prédio ali, que o pessoal invadiu... A Antonia mesmo dormiu lá um bom tempo, vocês sabem né? Como que chama aquela rua ali? Ali embaixo. Tem um prédio que o pessoal invadiu lá. Chegando ali pra descer pro shopping Oiapoque. No centro. Era o antigo sindicato ou INSS que tinha, naquele prédio ali.

Roberto Eustaáquio: É o Vicentão né não?

Silvana: É no centrão. Esqueci o nome daquela rua. Eu participei de uma reunião lá com a Antonia.

Josiany: E aí depois que vocês conseguiram o apartamento a associação ainda continua ativa?

Silvana: Continua.

Josiany: O mesmo grupo de pessoas?

Silvana: O mesmo grupo.

Josiany: É, o mesmo grupo que estava associado enquanto vocês estavam construindo, se depois da construção vocês continuam formados.

Silvana: Continua. Foi o mesmo grupo que estava lá com o pessoal que eu to te falando, lá no Bairro Santa Cruz, a Antonia e o pessoal.

Josiany: E vocês conseguiram se mobilizar para conseguir outras conquistas pra vocês aqui do conjunto mesmo? Por que depois que se muda que a gente vai percebendo, né? Se precisa de mais alguma coisa... No próprio conjunto ou no bairro...

Silvana: Nós fizemos muita coisa depois que a gente mudou. Essas escadas foi nós que fizemos. Cada morador ajudou, eles fizeram o orçamento e dividiu, cada morador paga sua parte. Eu lembro que na época eu paguei 600,00 reais.

Josiany: Mas fez o que nessa escada?

Silvana: Essa cerâmica, não tinha piso.

Tiago: Não tinha jardim e etc? Foram vocês que fizeram?

Silvana: Fizemos, jardim a gente fez.

Roberto Eustaáquio: Tem quadro, ou algum lugar pra fazer...

Silvana: Tem não. Aqui tem estacionamento, lá embaixo também é estacionamento. Quadra, esses negócios de lazer não tem não.

Giselle: E vocês já estão pagando o financiamento, Silvana?

Silvana: Ainda não. Eles falaram que ia mandar a documentação pra gente. Tinha um documento aqui que a gente recebeu, é tanto que nesse documento eu participei, tem três grupos juntos, têm três moradores juntos no grupo, no documento. Aí a gente tem esse documento mas eles tem que passar o documento pra gente, até hoje a gente não recebeu esse documento não.

Giselle: Você sabe o valor que foi financiado? Quanto vocês vão pagar pelo apartamento?

Silvana: Na época eles falaram que cada morador ia pagar 20 mil. A prestação a gente ia pagar 90 reais. Aí só que até hoje esse documento não chega. A Caixa que ia mandar o boleto pra gente pagar, até hoje não mandou não. Tem gente que já fala que isso vai ser Usucapião, não sei... Eu queria que eles mandassem.

Roberto Eustaáquio: O usucapião urbano é cinco anos, né?

Silvana: Ah eu queria que chegasse o documento pra eu pagar.

Roberto Eustaáquio: Você quer ter o papel?

Silvana: Queira. Bem melhor, né? Você sabe que essa coisa é mais confiante.

Josiany: Mas esse papel que você falou que tem junto com outros dois moradores é o que? Um contrato?

Silvana: Você quer ver? Eu te mostro.